

# UNIFICAÇÃO

ÓRCÃO DA  
UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE

Registrado no Departamento Nacional de Propriedade Industrial sob n.º 183.663, em 11-4-1956 e, de acordo com a Lei federal n.º 2.083, de 12-11-1953, combinada com o Decreto federal n.º 4.857, de novembro de 1939, sob n.º 1.244, no Cartório do 1.º Ofício da Capital.

N.ºs 55-56 — São Paulo — Outubro e Novembro de 1957 — ANO IV

## NATAL

As comemorações do nascimento de Jesus, embora no fundo ainda conservem um quê de espiritual, não resistiram ao mundo de César, deixando-se absorver quase que exclusivamente pelas aparências, pelas formas e pelas alegrias de fundo material. Nem a intemperança alimentar respeitou a lembrança daquele que foi Todo Espiritual e que veio à Terra para ser condutor de Espíritos.

Jesus, como lídimo Mestre de sabedoria, não menosprezou as coisas do mundo material, pois tudo, matéria e espírito, é criação divina; afirmando peremptoriamente que era preciso dar a César o que era de César e a Deus o que era de Deus, ele valorizou os dois aspectos da vida, aconselhando ao homem que não menosprezasse nenhum deles, visto como o material concorria poderosamente para a evolução do espiritual. Contudo, apesar do ensinamento evangélico, a nossa glosseira materialidade persiste, desafiando os séculos.

Que interessa a Jesus que nós, cada fim de ano, para homenageá-lo, cantemos hinos em seu louvor, dizendo que nasceu o Salvador do mundo, o Filho de Deus, e até mesmo o próprio Deus, segundo dizem os católicos e os protestantes? Nesse dia solemne até os campos de batalha silenciam suas armas de fogo e de destruição! Os ódios humanos se suspendem nas vinte e quatro horas do Natal! Tudo, infelizmente, aparência. E a aparência prossegue pelos séculos! Jesus continua a ser comemorado apenas na forma, na periferia, e em um dia no decorrer dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano. Nesse dia o homem se lembra de que é preciso que se torne melhor, mais humano, mais honesto, mais fraterno, mais humilde e menos mentiroso. Porém, com as vinte e quatro horas marcadas pelos relógios, lá se vão os sadios propósitos de cristianização da Humanidade. Jesus volta a permanecer adormecido dentro da consciência humana, que o crucifica todos os dias através de pensamentos baixos e de ações contrárias aos ensinamentos e às exemplificações do divino Mestre.

A tal ponto chegou a incompreensão humana do verdadeiro Cristianismo, que os pobres já não podem, por si mesmos, comemorar o nascimento do Cristo; é preciso que os não pobres entrem em ação para que seus irmãos mais infelizes possam cantar a alegria do nascimento de Jesus, recebendo alguns vestimentos adicionados a alguns alimentos que mal dão para saciar a fome física por um ou dois dias. E há de ser sempre assim enquanto o Cristianismo não for tomado em sua essência, em seu conteúdo filosófico altamente espiritualizado e profundamente reformador dos pontos de vista acerca da vida, de Deus, do Espírito e da evolução espiritual. É preciso que o Cristianismo passe, como doutrina espiritualista, a tomar parte integrante na vida diária de cada criatura. Três fatores concorrem hoje para que se chegue a esse estado ideal: a demonstração científica da sobrevivência, a dor e o estudo sereno e metódico dos Evangelhos. Os dois últimos fatores já existiam, em maior ou menor intensidade, desde a vinda de Jesus; o primeiro fator aparece com o advento do Espiritismo, que, na qualidade de Consolador anunciado ou prometido traz, como uma de suas tarefas precipuas, o restabelecimento e a complementação natural da palavra do Mestre.

Como consta dos Evangelhos, Jesus demonstrou aos seus discípulos a sobrevivência da alma e a sua comunicabilidade depois da morte do corpo físico. Passados, porém, os três primeiros séculos da propagação do Cristianismo, os homens responsáveis pela evolução religiosa acharam mais conveniente ocultar a visão direta da imortalidade ao povo, levando de roldão também, num de seus concílios, os ensinamentos reencarna-

cionistas de Orígenes, talvez o maior de todos os doutores da igreja primitiva. Procurando impedir as comunicações dos mortos e afastando o princípio filosófico das reencarnações, modificando várias vezes os textos evangélicos, os detentores do poder religioso conseguiram, desta vez sim, crucificar o Mestre; amarraram-no, pregaram-no na cruz de seus preconceitos, de sua ignorância, de seu despotismo e de sua vontade soberana. Matar um homem é um grande mal; matar uma doutrina divina é um mal infinitamente maior. Os judeus tentaram matar Jesus, crucificando o seu corpo físico; os chamados cristãos, depois do terceiro século de nossa era, tentaram matar o Cristianismo, isto é, a doutrina que o Cristo pregou e exemplificou, procurando adaptá-la às suas conveniências, ao seu desejo de mando e à sua ignorância.

Jesus foi a mais esplendente manifestação da Verdade na Terra, e as legítimas representações da Verdade não prezem nunca; apenas hibernam por algum tempo, esperando o amadurecimento progressivo dos homens através do conhecimento, da experiência, do sofrimento e do sentimento. Já o afirmou enfaticamente o divino Rabi da Galiléia que passariam o céu e a terra, mas não passariam as suas palavras. Eis que, no momento oportuno, surge a revelação anunciada como o Consolador, e aí está o Espiritismo com todos os elementos necessários para o restabelecimento da palavra de vida de Jesus, para a sua natural complementação, despertando de novo a Humanidade para a realidade maravilhosa da existência, da sobrevivência e da evolução do espírito humano. Pelo Espiritismo, Jesus volta aabençoar e a iluminar a Humanidade, através agora não mais dos homens encarnados, mas por meio de uma falange de Espíritos de luz que penetra em todos os recantos, esclarecendo e iluminando, "restabelecendo todas as coisas no seu verdadeiro sentido".

Com o espírito profundamente racionalista de nossa época e com o sofrimento ingente que grassa no mundo inteiro, com suas bases profundamente científicas, a filosofia espirita vencerá os preconceitos, os interesses imediatistas e a ignorância religiosa dos homens.

Pelos conhecimentos positivos que traz acerca dos postulados espiritualistas e da vida do espírito na sua eternidade, o Espiritismo acabará por reformar moralmente a Humanidade que, só então, compreenderá e viverá realmente a doutrina que Jesus ensinou há dois mil anos, doutrina essa que os homens adulteraram profundamente, desfigurando-a enormemente. E então veremos que o Natal do Mestre será comemorado em espírito e verdade, através dos pensamentos e das ações de cada dia, de cada hora, de cada minuto, de cada segundo.

Acreditando que sem o concurso do Espiritismo não se restabelecerá o Cristianismo, a nós compete, no Natal deste ano, lembrar à grei espirita que redobre os seus cuidados no sentido de que não venha a ser desvirtuada também a Revelação Espirita, pois as forças que estão trabalhando no sentido desse desvirtuamento são grandes e poderosas, e habitam tanto o plano dos encarnados como o dos desencarnados. Mais do que nunca precisamos estudar a Doutrina, batalhar pela preservação de sua pureza kardeciana, orando a Deus para adquirirmos mais força moral e ânimo mais forte, e vigiando-nos a nós mesmos para não cairmos na tentação de nossos desejos inferiores e dos erros dos séculos passados.

Que o Mestre, através dos bons Espíritos, possa encontrar acesso fácil em cada um de nós, para que todos nós possamos, pelos nossos pensamentos retos e pelas nossas ações no bem, glorificar a Deus servindo a Humanidade.

## SUGESTÕES DE NATAL

ABRAÃO SARRAF

O Natal transformou-se em pretexto para festas mundanas, com predomínio dos fatores materiais e para regalo dos sentidos físicos.

A razão profunda da encarnação de Jesus no Planeta continua incompreendida pelos homens, os quais por isso mesmo ainda sofrem as angustiantes consequências das vetustas errônias do multimilênar paganismo, responsável pelas desastrosas deformações dos princípios cristãos, graças às espantosas transigências e incríveis acomodações concertadas pelos Bispos romanos perante os hábeis Constantinos de todos os tempos.

O Natal deveria ser compreendido como renovado apelo à consciência, para a reconsideração dos homens esclarecidos e responsáveis, afim de tomarem o caminho que Jesus indicou através do seu nascimento, sua vida, seus feitos, seus ensinamentos, sua morte e seu apóstomorte.

"Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida", bradou o divino Mestre. Que significa isso? Uma síntese da evolução do Espírito? Uma filosofia de Vida? Por certo que uma afirmação dessa ordem, na boca de Jesus, há de ter profundo sentido. Allan Kardec, o iluminado intérprete de Cristo, dá conta plenamente da significação daquele brado divino, nos cinco volumes que integram a Codificação do Espiritismo.

Suas páginas contêm uma doutrina redentora com apoio na Verdade plena, passada pelo crivo da experimentação científica e dotada dos fatores eficazes que operarão a reforma espiritual da humanidade. Essa doutrina prepara um mundo de nova compreensão, de grande beleza e apresenta a solução para todos os problemas e males ainda existentes.

O Evangelho, restabelecido e atualizado, está em toda a sua inteireza substancial na Codificação kardeciana. Esta Obra é de origem divina, livre de quaisquer restrições, vasada em estilo cristalino, límpido, magistral. Não apela para o mistério nem para o sobrenatural e muito menos para o inverídico. Mantém do começo ao fim o pri-

mado da Verdade, do bom senso, da lógica e do natural.

É trabalho de equipe, no mais alto sentido: E que equipe! O Espírito de Verdade, representando o pensamento do Cristo; os Espíritos Superiores e o grande Allan Kardec. Prestaram o seu concurso um pugilo de médiuns de altas qualidades morais, além dos discípulos do Missionário. É a obra que orientará a reforma do Planeta, em vigência desde o grande Evento, e marcará o novo ciclo da evolução da humanidade. Sim! Porque não houve outro acontecimento no Mundo, depois do Cristo, que se lhe possa ser comparado, em grandeza e perfeição.

Por que não evocarmos a data máxima da humanidade, de sentido espiritual, sublimando os atos comemorativos? Amplas reuniões públicas nas quais doutos oradores esclarecessem a todas as camadas sociais acerca da vida, obra e finalidade do Messias, podiam ser um aspecto da comemoração do Natal. Jornais, revistas, rádios, televisão etc. apresentariam de mil formas a beleza e a grandiosidade do mundo precorizado por Jesus, citando as suas palavras, realizando-as, explicando-as, comentando-as de forma clara, límpida, simples, a fim de que o seu poderoso sentido preocupasse a atenção das grandes coletividades.

Programas artísticos sabiamente preparados, músicas do mais alto sentido, lançamento de livros em concursos sérios sobre os vários aspectos da obra de Jesus: cartazes, teatro, cinema, tudo muito bem preparado no mais alto nível moral para comemorar o dia do Senhor, dando o verdadeiro sentido do Natal, segundo a nova posição mental que o Espiritismo vai estabelecendo.

Na verdade o nascimento de Jesus representa o início da grande luta, em campos dilatados, entre a Luz e as Trevas, entre o Bem e o Mal, entre o Espírito e a Matéria, entre o Espiritual e o Animal, entre o Evangelho e o Materialismo.

Do ponto de vista do Espiritismo essa luta se estende ao longínquo passado, perde-se na pré-história. Ela enquadra-se na lei da Evolução do Espírito. Essa colossal batalha, entretanto, assumiu novo aspecto, definiu-se em doutrina

(Continua na pág. 7)

## Noite de Natal

*Não olvides que o Natal é uma festa do Céu, para a noite da Terra.*

*A estrela de Belém brilhando, além das nuvens...*

*Vozes angelicais, rompendo as trevas...*

*E um berço, na manjedoura invadida de sombra, em que o Rei da Luz começou o Apostolado Divino, entregando a Boa-Nova de Eterna Alegria aos pastores de vida singela, que O afagavam, com mãos calejadas e trêmulas...*

*E' por isso que a tua Noite de Natal está povoada de júbilos santos. Quase sempre, a doce comunhão com aqueles que mais amas... A árvore simbólica, adornada por dádivas de carinho...*

*O doce calor do lar, defendendo-te contra a ventania, que reina lá fora...*

*O bôlo festivo...*

*Os cânticos e as orações, que te recordam a chegada do Redentor...*

*Entretanto, lembra-te de Jesus e não te detenhas!*

*Vives a tua hora de beleza, qual se respirasses num dia maravilhoso de regosio e esperança, mas, não te esqueça de que milhões de almas choram, anônimas, no agoniado nevoeiro do sofrimento.*

*São criancinhas esfomeadas, mães desfalecentes, que a dor aprisiona em garras mortíferas, enfermos cansados de abandono e velhinhos torturados pela sede de afeto, a soluçarem de frio!*

*Pela memória do Celeste Renovador, que dizes amar, desce do trono doméstico, para o vale dos que vagueiam sem rumo, e estende-lhes mãos amigas.*

*Deixa que o anjo da caridade te guie os passos e oferece algo de tua mesa e de tud, fé aos filhos da aflição e sentirás que o orvalho de tua alegria será precioso bálsamo, sobre as lágrimas que encharcam os corações, perdidos no infortúnio...*

*Recorda que o Divino Soberano escolheu a noite para clima revelador de Sua grandeza... Desce, pois, com a tua lâmpada, ó sombra de quantos se debatem entre as chagas da ignorância e da miséria, e, ajudando os que padecem, estarás, junto a Ele, a exaltar-Lhe a mensagem de amor e luz.*

MEIMEI

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

# Advertência Importante e Necessária

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, consciente de suas responsabilidades, vem, ainda uma vez, alertar a clara e cristãmente, o meio espírita, a respeito de certos movimentos que se fazem hoje paralelamente ao Espiritismo, e em particular ao movimento da Legião da Boa Vontade (LBV).

A esse respeito o "UNIFICAÇÃO", seu órgão oficial, passará a publicar uma série de artigos cujas bases repousarão nos itens que se seguem, itens e artigos esses para os quais pedimos a devida atenção dos espíritas do Estado:

1.º — O advento do Espiritismo não foi evento casual, pois já estava previsto há dois mil anos;

2.º — A segunda Revelação Divina, vinda através de Jesus, foi adulterada e profundamente transfigurada; idêntico perigo já está correndo a Terceira Revelação, trazida pela falange do Espírito de Verdade, e codificada por Allan Kardec;

3.º — Com seu espírito perspicaz e seu zelo apostólico pela pureza da Doutrina, Kardec já previra esses perigos de adulteração doutrinária e de sincretismo;

4.º — Constatá-se, pelas expressões do Codificador em "Obras Póstumas", que, tendo o Espiritismo princípios básicos e muito bem definidos, deve e precisa o espírita ter a personalidade doutrinária também positiva e clara, não se devendo aceitar como adepto verdadeiro da Doutrina os que aderem apenas parcialmente aos postulados dela;

5.º — Essa concordância e essa firmeza doutrinárias são absolutamente necessárias para que haja homogeneidade no meio espírita, visto como, sem essa homogeneidade, jamais poderão ser realizadas as tarefas coletivas que o Alto destina à grei espírita;

6.º — Em relação às muitas expressões de Kardec em "Obras Póstumas", lembraremos apenas as seguintes: "A condição absoluta de vitalidade para toda associação, qualquer que seja o seu objetivo, é a homogeneidade, isto é, a unidade de vistas, de princípios e de sentimentos, a tendência para o mesmo fim, em suma, a comunhão de pensamentos" . . . . . "Dez homens ligados por um pensamento comum são mais fortes que cem que não se entendem" . . . . . "Há, igualmente, num ser coletivo, uma garantia de estabilidade que não existe quando tudo repousa sobre uma única pessoa" . . . . . "Hoje que está terminado o trabalho de elaboração, no que entende com as questões fundamentais e que os princípios gerais da ciência estão estabelecidos, a direção, de individual que precisava ser no princípio, deve tornar-se coletiva" . . . . . "Acrescentemos que a tolerância, consequência da caridade, que é a base da moral espírita, lhe impõe a obrigação de respeitar todas as crenças" . . . . . "Não desprezemos as crenças do passado, por mais imperfeitas que sejam, uma vez que conduzem ao bem; elas estavam em relação com o atraso da humanidade; tendo esta, porém, progredido, reclama crenças que estejam em harmonia com as suas novas idéias".

7.º — É preciso não perder de vista que o Espiritismo não foi criação, fortuito ou não, de Allan Kardec. Ele é Revelação Divina, e veio no momento que a Direção planetária julgou mais conveniente.

8.º — A Revelação Espírita prossegue através dos Espíritos de luz, dando de acordo com a capacidade receptiva e com a capacidade de cada povo.

9.º — Praticamente não tem limites a responsabilidade que a Doutrina põe sobre os ombros de seus adeptos; a eles foi dada a incumbência de sua difusão, sua evolução e sua implantação definitiva na Terra; os espíritas se tornam assim mais prepostos da Direção planetária para o mais extenso movimento de libertação espiritual que a humanidade já conheceu;

10.º — Cabe ao Espiritismo, na expressão positiva do Espírito de Verdade, "reestabelecer todas as coisas em seu verdadeiro sentido". Daí decorre que a tarefa espírita não pode ser delegada para nenhuma outra doutrina e para nenhuma outra grei que não a espírita;

11.º — Essa tarefa espírita, abrangendo todos os setores das atividades humanas,

não pode deixar de ser obra coletiva, realização de equipes esclarecidas e abnegadas; daí a necessidade imperiosa da unificação das forças espíritas;

12.º — Impõe-se assim como deveres primordiais dos espíritas:

- Estudar bem o Espiritismo através da essência da codificação kardeciana;
- Difundir a Doutrina com precisão e clareza;
- Através dos pensamentos puros e das ações nobres, dar testemunho de reforma interior;
- Unirmo-nos pelos postulados da Doutrina, pelo idealismo sadio e positivo, pela boa vontade de servirmos a Deus servindo à Humanidade.

\* \* \*

Eslarecidos e lembrados todos esses aspectos, podemos então chegar à conclusão, simples mas importantíssima, de que o lugar verdadeiro do verdadeiro espírita é na seara genuína do Espiritismo. Foi aí que o Alto nos colocou; foi aí que o Alto sediou os nossos deveres para com Deus, para com a Humanidade e para com o nosso karma do passado.

Não há, pois, necessidade de nos integrarmos em qualquer outro movimento ideológico que não o genuinamente espírita. Aí é que nos devemos colocar se temos realmente sólidas convicções espíritas. Afastarmos-nos desse setor é fugirmos à nossa verdadeira posição, é não cumprirmos o nosso dever, é enfraquecermos o movimento que o Alto deseja ver implantado definitivamente na crosta da Terra; é prestigiar e fortalecer outros movimentos que, embora

aparente ou realmente úteis, não se enquadram totalmente nas diretrizes traçadas pelas cortes espíritas, de acordo com a suprema Direção planetária, traçaram os delineamentos do movimento de redenção humana pelo Espiritismo.

\* \* \*

Todas essas considerações se aplicam a qualquer movimento espiritualista ou não, fora do movimento espírita. Não há aqui intolância; visa-se apenas evitar o desvio de forças do movimento maior e mais completo para setores menores, menos completos e que não refletem todas as finalidades para que veio o Espiritismo. E' o caso específico da Legião da Boa Vontade, movimento esse que tem fascinado grande número de espíritas. Se analisarmos paralelamente o movimento da LBV e o movimento espírita, veremos que aquele não traz nenhuma vantagem e nenhuma novidade. Senão, vejamos:

1.º — E' essencial e de fundo a diferença e a divergência das doutrinas Católica, Protestante e Espírita; a união, a pretensa união das partes daria origem a um conjunto caótico, desarmonioso, ligado apenas pelas aparências. Na hora da pregação doutrinária divergiriam entre si e se separariam os componentes da LBV. Isso não acontece no meio genuinamente espírita.

2.º — Na própria orientação da assistência social divergiriam os componentes da LBV, tomando rumos bem diferentes os reencarnacionistas e os não-reencarnacionistas. A aceitação do princípio das reencarnações é fundamental para a marcha evolutiva do pensamento religioso e filosófico da Humanidade. Essa desvantagem não se constata nos meios legitimamente espíritas.

## I CENTENÁRIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO 2.ª Exposição do Livro Espírita em São Paulo

Galeria Prestes Maia, de 4 a 15 de janeiro de 1958, das 14 às 22 h.

Convidamos V. S. e Exma. Família a visitarem a 2.ª Exposição do Livro Espírita em São Paulo a realizar-se de 4 a 15 de janeiro de 1958. Fornecemos abaixo a relação dos oradores que irão proferir palestras durante o período da Exposição:

- |                      |  |
|----------------------|--|
| Dia 4 — 16 horas —   | Abertura solene, tendo como orador o Prof. Romeu de Campos Vergal. |
| 20,30 hs. —          | No salão da Federação Espírita.                                    |
| Orador —             | Prof. Rubens Romanelli.  |
| Dia 5 — 20,30 hs. —  | No salão da Federação Espírita.                                    |
| Orador —             | Dr. Hernani Guimarães de Andrade.                                  |
| Dia 6 — 21 horas —   | No recinto da Exposição.   |
| Orador —             | Dr. Berto Condé.   |
| Dia 7 — 21 horas —   | No recinto da Exposição.   |
| Orador —             | Sr. Altivo Ferreira.   |
| Dia 8 — 21 horas —   | No recinto da Exposição.   |
| Orador —             | Dr. Argemiro Acayaba de Toledo.                                    |
| Dia 9 — 21 horas —   | No recinto da Exposição.   |
| Orador —             | Sr. Apolo Oliva Filho.   |
| Dia 10 — 21 horas —  | No recinto da Exposição.   |
| Orador —             | Sr. João Teixeira de Paula.  |
| Dia 11 — 20,30 hs. — | No salão da Federação Espírita.                                    |
| Orador —             | Prof. Carlos Peppe.  |
| Dia 12 — 20,30 hs. — | No recinto da Exposição.   |
| Orador —             | Sr. Jaime Monteiro de Barros.                                      |
| Dia 13 — 21 horas —  | No recinto da Exposição.   |
| Orador —             | Sr. Hernani T. Sant'Ana.   |
| Dia 14 — 21 horas —  | No recinto da Exposição.   |
| Orador —             | Dr. Euripedes de Castro.   |
| Dia 15 — 21 horas —  | No recinto da Exposição.   |
| Orador —             | Sr. J. Herculano Pires.  |

A comissão da Exposição do Livro Espírita.

3.º — Que doutrina filosófica pregará aos seus adeptos a LBV? Será a católica, a protestante, a espírita, a umbandista ou qual outra será?

Parece que nenhuma. Ou será que não há necessidade da pregação de doutrina alguma? Mas se assim fôr, então perguntamos aos espíritas que aderiram à LBV: — para que veio o Espiritismo? Ainda uma vez se verifica que o espírita que permanece no seu setor verdadeiramente espírita leva vantagem sobre o que adere a um movimento sem doutrina própria.

4.º — Quanto aos lemas e ideais do movimento da Legião da Boa Vontade, também não se verifica nenhuma novidade ou vantagem sobre os lemas e os ideais do movimento espírita. "Deus está presente" é coisa sabida desde o início, pelos espíritas, pois eles aceitam a onipresença como um dos atributos da Divindade. E' preciso advertir que a expressão "Deus está presente", posta na mente de pessoas pouco esclarecidas e, repetida muitas vezes no mesmo dia, pode redundar em tremendo e perigoso fanatismo.

"Boa Vontade" é outra expressão simbólica da LBV. Será ela novidade para o espírita? A boa vontade é fruto legítimo da tolerância, assim como a tolerância é fruto legítimo da sublimação espiritual.

Tudo isso é fundamental no Espiritismo e está muito bem esclarecido por Kardec e pelos Espíritos que lhe revelaram a Doutrina.

Por fim vem o ideal da fraternidade da LBV. Esse ideal é o próprio objetivo que a Doutrina espírita procura alcançar. Já não nos disse o Codificador que "fora da caridade não há salvação" e que "a caridade é a base da moral Espírita"?

Parece que basta para demonstrar aos espíritas que não há a mínima necessidade de aderir a outros movimentos ideológicos para expandirem o seu desejo de fazerem o bem, ou para saciarem a sua fome de conhecimentos filosófico-religiosos. O raciocínio que se fez com a LBV se poderá fazer com qualquer outro movimento não espírita.

O campo do Espiritismo se nos apresenta sempre mais amplo e mais completo, satisfazendo muito mais à razão e ao sentimento.

O espírita, pois, que desvia as suas atividades para o setor da LBV ou de qualquer outro movimento que não o espírita, não está sendo coerente para com as suas próprias convicções, está enfraquecendo o seu verdadeiro setor de trabalho e fugindo à sua legítima posição evolutiva. Nem a LBV, nem qualquer outro movimento não-espírita, pode realizar tarefas que competem ao Espiritismo e aos espíritas.

\* \* \*

Aqui ficam essas ponderações para a meditação serena dos Espíritas. Não se trata, como já foi dito, de um movimento de intolância de nossa parte para com a LBV. Apenas estamos dando aos Espíritas os elementos e os motivos para que eles se capacitem, de uma vez para sempre, de que o Espiritismo é a Doutrina que eles devem e precisam pregar, e que é nesse setor legitimamente espírita que eles devem trabalhar, dando a ele o máximo de seus recursos para que se cumpram integralmente as tarefas ingentes e sem limites que lhes cabe realizar.

Ver com simpatia esse ou aquele movimento é coisa bem diferente de aderir a eles e trabalhar nêles e por eles.

\* \* \*

Que esse trabalho-advertência surta os efeitos esperados.

Que o Espírita medite bem profunda e serenamente sobre tudo o que aqui acaba de ser exposto e que tome então a posição que sua consciência lhe imponha, depois de devidamente esclarecida.

Esse nosso trabalho de elucidação é um apelo que fazem ao meio espírita aqueles confrades que compõem a direção da USE e que, tendo responsabilidades maiores no movimento espírita, estão atentos aos perigos de enfraquecimento e de degeneração a que estão expostos a Doutrina e o meio espíritas.

## CONTRADIÇÕES APARENTES AS "PENAS ETERNAS" NOS EVANGELHOS

II

Luis MONTEIRO DE BARROS

Nossos irmãos do Catolicismo e do Protestantismo pregam, com veemência, a existência de penas sem-fim ou de pecados sem remissão, e se dizem firmemente apoiados nos textos evangélicos. Realmente existem lá expressões que impressionam e que, se analisadas isoladamente, parecem resolutivas. Assim é que, no cap. III,º do Evangelho segundo Marcos, se lê: "Em verdade vos digo que aos homens serão perdoados todos os pecados e as blasfêmias que proferirem; mas quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca mais terá perdão; pelo contrário, é réu de um pecado eterno".

Consultemos agora outras passagens evangélicas para vermos se elas estão de acôrdo com esta. No cap. 17,º de Lucas se lê: "Se teu irmão pecar, repreende-o; e se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se sete vezes no dia pecar contra ti, e sete vezes no dia vier procurar-te dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe-ás". Foi então que Pedro, tomando ao pé da letra o número sete, pergunta: "Senhor, quantas vezes pecará meu irmão contra mim, elhe hei de perdoar? Será até sete vezes?" E o Mestre então lhe responde: "Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete."

Eis aí bem claro o ensinamento do Cristo: Perdoar sempre, tantas vezes quantas se fizerem mister. Ora, se a determinação expressa é essa de perdoar o pecador que se arrepende, e se nós, misérrimas criaturas, devemos proceder desta forma, que espécie de Espírito Santo será esse que não perdoo as ofensas e as blasfêmias cometidas por nós contra ele? O exemplo deve vir sempre de cima, de quem sabe mais, de quem é mais evoluído. Para católicos e protestantes o Espírito Santo se nivela a Deus e ao Cristo, formando uma só pessoa.

Daf se concluirá que Deus não perdoo, pois o Espírito Santo também não deve perdoar, pois Ele é igual ao Pai e ao Espírito Santo; no entanto não foi esse o ensinamento e nem a exemplificação do Mestre, pois na cruz, depois de injustiçado ignominiosamente, levanta o pensamento ao Pai e exclama: "Perdoai-lhes, Pai, pois não sabem o que fazem".

Jesus ensinou a Humanidade a maneira ideal de ela se conduzir em relação à vontade de Deus, e por isso mesmo deixou bem claro que era preciso perdoar e permanecer de coração aberto para todos, procurando servir sempre.

O amor que Jesus ensinou não tem barreiras, pois vai atingindo até mesmo os nossos adversários. Lá está, bem claro: "Tendes ouvido o que foi dito: Amareis o vosso próximo e aborreceis o vosso inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem para que vos torneis filhos de vosso Pai que está nos céus, porque Ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chover sobre justos e injustos. Pois se amardes somente aos que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? Se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de especial? Não fazem os gentios também o mesmo? Sede pois perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito." Em Lucas, cap. VI,º, esta passagem está ainda mais clara: "Amal, porém, os vossos inimigos; fazei o bem e emprestai, nunca desanimando; será grande a vossa

recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, pois Ele é benigno para com os ingratos e maus. Sede misericordiosos como misericordioso é vossó Pai. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; dai e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordando, vos porão no regaço, porque a medida de que usardes, dessa tornarão a usar convosco." Esse foi o Deus que Jesus ensinou, um Deus cuja justiça é sempre misericordiosa e cuja misericórdia é sempre justa. E Deus de perdão, porque é Deus de Amor e de Justiça.

O que os nossos irmãos do Catolicismo e do Protestantismo não têm entendido é como se processa esse perdão divino. Como vimos nos textos acima transcritos, a lei divina é igual para todos, e se o perdão de Deus vem para um, virá para todos. Não há exceções nem privilégios. O perdão de Deus consiste em novas oportunidades de trabalho para todos, problema esse que se aclara meridionalmente com a aceitação do princípio das reencarnações. Tinha plena razão Annie Besant quando afirmava que "as religiões do Ocidente, afastando de seus ensinamentos o princípio das reencarnações, tiraram a Deus a sua justiça e aos homens a sua esperança".

A primeira condição para a redenção da alma que errou é, sem dúvida alguma, o arrependimento de ter errado, arrependimento a que ela chega quer pelo sofrimento, que criou para si mesma, quer por novos esclarecimentos, que venha a receber sobre a filosofia da vida. O arrependimento a obriga a outra tomada de posição, onde ela se consolida na nova concepção de vida; depois vem a sua nova experimentação, o seu testemunho de fogo através de trabalhos árduos, de renúncias, de angústias e de ação no bem; se vence a prova, então a consciência se redimiu e não mais clama, entrando em paz consigo mesma; é a paz do dever bem cumprido para com Deus e para com a Humanidade.

Como vemos, os textos evangélicos não podem ser analisados isoladamente; é preciso compará-los entre si a fim de se concluir qual o ensinamento de Jesus e também para pôr em harmonia uns textos com outros. Tomados isoladamente podem nos conduzir para uma senda não verdadeira, ou porque interpretamos mal o texto, ou porque o texto não reflete o ensinamento do Mestre. É preciso ter muita coragem moral para se proceder assim; essa coragem deve existir em todo o estudioso sincero do Evangelho, naquele que procura em Jesus o Caminho, a Verdade e a Vida.

O estudo sereno e minucioso dos Evangelhos, quer no que concerne aos seus textos e expressões, quer no que concerne ao seu histórico, nos leva à convicção de que nem todas as palavras ali contidas saíram dos lábios divinizados do Mestre. É preciso acertar, uniformizar, harmonizar os seus vários capítulos, retirando das palavras, que têm matado, o espírito que deverá vivificar. A interpretação espirita dos vários textos realiza essa tarefa, restabelecendo e complementando assim os verdadeiros ensinamentos de Jesus, conforme é das tarefas que o Consolador deve realizar. Veremos que assim é no decorrer dessa série de artigos que publicaremos em torno desse importante tema das "penas eternas nos Evangelhos".

## A Gênese do Esperanto

(conclusão)

Trad. de M. R. Monteiro

Era eu então ainda demasiado jovem para sair a público com meu trabalho, e decidi esperar 5 a 6 anos para publicá-lo. Aproveitei esse tempo para fazer metódica revisão e procurar dar ao Esperanto uma feição inteiramente prática.

Meio ano transcorrido após a festa de 5 a 17 de dezembro, tendo terminado o curso do liceu, separamo-nos, meus colegas e eu. Os futuros apóstolos do novo idioma tentaram, manda a verdade dizê-lo, falar dele fora do ambiente escolar, mas, ante as zombarias dos adultos, logo se acovardaram, renegando-o e deixando-me totalmente só. Por meu lado, anteendo os escárnios, as perseguições, decidi ocultar de todos meu trabalho, e, durante os anos de universidade, a ninguém dele falei. Nesse período, para mim muito difícil, o que mais me atormentava era o silêncio forçado. Compeliado a guardar cuidadosamente para mim mesmo meus pensamentos e planos, quase não tinha contactos sociais, de nada participava, e os anos mais belos da vida — os de estudante — desfilaram ante mim melancolicamente. Tentei algumas vezes distrair-me na sociedade, mas sentia-me nela marginal, e logo batia em retirada. O único solaz para o meu atormentado coração encontrava-o eu na criação poética na língua que eu mesmo tinha inventado. Um dos meus poemas desse tempo, "Meu pensamento", incluí-o depois na primeira brochura que editei. Poema originado em estado de espírito tão peculiar, parecerá certamente obscuro e estranho a aqueles que o lerem sem saber em que circunstâncias foi escrito.

Durante seis anos, dediquei-me a aprofundar e experimentar a língua, o que me deu muito trabalho, muito embora, em 1878, me tivesse parecido que ela já estava pronta. Fiz numerosas traduções para o Esperanto e também nele escrevi trabalhos originais, tendo-me a experiência assim adquirida demonstrado que aquilo que me parecerá pronto não o estava realmente senão em teoria, faltando-lhe ainda uma feição realmente prática. Muito tive de desbastar, substituir, corrigir, e mesmo radicalmente transformar. Palavras e formas, princípios e regras se entrecrocavam entre si — os mesmos que, em teoria ou em pequenas provas práticas, me tinham parecido perfeitos. Morfemas e semantemas, como a preposição universal "je", a terminação neutra, porém definida, "au", o verbo elástico "meti" nunca provavelmente me teriam ocorrido se eu me tivesse limitado à teoria. Algumas formas que me haviam parecido verdadeiras "trouvailles" mostraram-se depois, na prática, supérfluas. Foi assim que tive de rejeitar vários sufixos desnecessários. No ano de 1878, parecera-me que bastava a qualquer língua, para ser completa, dispor de gramática e de dicionário, e a desgracia, a falta de leveza do meu idioma eu as atribuía à circunstância de ainda o não dominar perfeitamente. Mas a experiência cada vez mais me ia demonstrando que à minha criação faltava ainda o elemento entrosador que dá às línguas vida e espírito definido e acabado.

Vem a propósito dizer ainda que a ignorância do espírito da língua é a razão de alguns esperantistas que lêem pouco em Esperanto escreverem corretamente, sim, porém com estilo pesado e sem beleza, ao passo que o estilo dos esperantistas mais experientes, é — independentemente da nacionalidade deles — agradável e harmonioso. O espírito da língua evoluirá, por certo, consideravelmente, com o fluir do tempo, mas essa evolução será paulatina e insensível. Se, porém, os primeiros esperantistas, filhos de nações diferentes, não tivessem desde o início encontrado na língua um espírito de base bem definido, teriam certamente, cada um deles, começado a comunicar-lhe características peculiares e próprias, e o Esperanto teria permanecido,

tempo, mera coleção de palavras, desgraciada e sem vida.

Anteendo isso, comecei a evitar traduções literárias desta ou daquela língua, e esforcei-me por pensar diretamente no idioma neutro. Observei então que o Esperanto deixava de ser em minhas mãos simples sombra despersonalizada da língua traduzida, para se configurar com espírito próprio, com vida autônoma, com fisionomia peculiar, perfeitamente definida, claramente expressa, independente de influências estranhas. Já fluía a palavra livremente, graciosamente, flexível e leve como nas línguas nacionais e vivas.

Outra dificuldade me obrigou a adiar por muito tempo a apresentação pública do novo idioma. Dificuldade de grande significação para a língua neutra, e que levou longo tempo a remover! Previa eu que me seria objetado: "A sua língua só me será útil quando todo mundo a tiver aceitado. Por isso, só quando ela tiver sido por todos aceita é que a aceitarei eu também". Porém, como o "mundo" só existe na medida em que o integram suas "partes" componentes, a língua neutra, por sua vez, nenhum futuro teria enquanto sua utilidade não se tornasse evidente para cada indivíduo isoladamente, independentemente de já ter ela ou não sido aceita pelo mundo. Muito tempo meditei nesse grave problema. Finalmente, os assim chamados alfabetos secretos, que independem de prévia aceitação universal e proporcionam a qualquer destinatário não prevenido a possibilidade de compreender tudo o que se lhe escreva, bastando pôr à sua disposição a chave do alfabeto utilizado, inspiraram-me a ideia de ordenar a língua de tal sorte que sua "chave" contivesse não só todo o vocabulário, mas também toda a gramática, sob a forma de elementos ordenados alfabeticamente, mas independentes e isolados, chave que possibilitaria a qualquer destinatário, de qualquer país, sem prévia preparação, a rápida compreensão de uma carta redigida em Esperanto.

Terminados os anos de universidade, lancei-me ao exercício da minha profissão de médico. Comecei, desde então, a pensar seriamente na publicação do meu trabalho, e, tendo aprontado o manuscrito de minha primeira brochura (D-ro Esperanto. Lingvo Internacia. Antaŭparolo kaj plena lernolibro — 1), tratei de procurar um editor. Mas, aqui, defrontei-me, pela primeira vez, na prática amarga da vida, com a questão financeira, motivo de longas e tenazes lutas posteriores. Durante dois anos, procurei em vão um editor. Cheguei a encontrar um disposto a fazer vir a lume a brochura, cuja publicação é efetivamente preparou durante meio ano, mas que, por fim, recusou inopinadamente levar a cabo. Após esforços inauditos, consegui, porém, em 1887, publicar finalmente essa primeira brochura (2). Foram momentos de intensa emoção para mim, que me sentia ante um verdadeiro Rubicão, pois, bem o compreendia, a partir do dia em que aparecesse o livretinho, não mais me seria dado recuar. Não ignorava eu, com efeito, que sorte poderia esperar um médico economicamente dependente de sua clientela, se esta nele visse um utopista, um homem obcecado por assuntos marginais. Estava eu, bem o sentia, arriscando, como num lance de dados, não somente todo o meu futuro, mas também o da minha família. Era tarde, porém; não podia já recuar, trair a ideia tenaz que me empolgava corpo e espírito, e... atravessei o Rubicão!

(1) "Dr. Esperanto. Lingua Internacia. Prefácio e Manual Completo".

(2) Opus citatus, Varsóvia, Julho, 1887.

NOTA — As partes anteriores deste artigo foram publicadas em Unificação, n.ºs 45-46 (1957), 49-50 e 53-54.

# BREVE DIGRESSÃO EM TÔRNO DA FUNÇÃO SOCIAL DO ESPIRITISMO

(Do temário das Comemorações do I Centenário do Espiritismo)

BERTO CONDE

(Conclusão)

É ante este panorama, verdadeiramente tético, que devemos indagar da função social do Espiritismo. E dizemos — indagar — porque não nos sentimos capazes de rotê-la, tão ampla é ela quanto minudentes os seus particulares aspectos.

De importância capital, desde logo, é acentuar que entre as crenças espiritistas e outras que têm procurado resolver o problema social, um traço distintivo, dos mais salientes, reside na concepção de Justiça. Enquanto algumas situam o alvo desta nas compensações terrenas aos atos dos indivíduos humanos, procurando estabelecer uma série de medidas capazes de estruturar uma sociedade onde o bom e o justo recebam o prêmio consistente em maior messe de bens materiais e o mau encontre o castigo considerado necessário; enquanto outras, mais adstritas à essencialidade espiritual do homem, transferem a remuneração do bem ou mal, praticado na existência terrena de cada um, para a bem-aventurança ou o castigo eternos, o Espiritismo, partindo da sua inabalável crença de que o universo é criação da preexistente Perfeição a todas as manifestações materiais, e subsistir, Eternamente, após um possível retorno ao espaço ilimitado, cre inadequada qualquer delimitativa concepção de Justiça.

Porque a Justiça pode, e deve, ser considerada integrante da Perfeição Eterna, os seus indefiníveis propósitos se realizarão, sejam quais forem os caminhos por nós palmilhados para alcançá-la. Onde o nosso ideal se distingue, fundamentalmente, do que serve a outros aspirantes do estabelecimento de uma sociedade melhor, na qual reinem a concórdia e a paz entre os homens, é quando, por força de sua delimitação concepcional da Justiça, só podem eles acreditar na verdade de seus preceitos; ao passo que nós cremos na infinita variedade de cursos pelos quais cada um pode atingir a sua meta eterna.

Daí a quase totalidade das outras entender cada uma, que só ela é capaz de realizar a reforma, ao passo que o Espiritismo não se filia a exclusivismo algum; proclama que todas, com maior ou menor probabilidade de êxito, desempenham sua parte de colaboração nas indispensáveis reformas sociais reclamadas pela consciência humana.

Enquanto a generalidade doutrinária se confina em objetivos materiais, ou procura assentar seus preceitos na forma de proceder de cada um para garantir-se um melhor pouso no além-túmulo; o Espiritismo sabe que a nossa presente manifestação corporal é, apenas, uma etapa da existência de cada um de nós, razão pela qual só nos períodos de encarnação, neste ou em qualquer outro Planeta, ficamos adstritos à contingência especial.

E nesta consciência da periodicidade de encarnações do espírito, sujeitando-o à contingência espacial, está uma idéia-fonte das diretivas da função social do Espiritismo.

A certeza de que o trânsito planetário do espírito, periódico, é uma contingência da sua trajetória evolutiva, imprime novos rumos à estimabilidade das coisas necessárias ao cumprimento das etapas de encarnação.

Uma das principais causas das conturbações que se verberam à presente estrutura social humana, reside na facilidade com que a sensibilidade do corpo se impõe causalmente às atitudes por nós mantidas na vida terrena. Porque o corpo, que é matéria, necessita a absorção ou contínua utilização de elementos materiais para a sua subsistência, não raro a disponibilidade ou escassez de tais elementos nos convencem de que nêles reside a verdadeira finalidade existencial. Daí o apêgo de cada um de nós a coisas que, embora, precedessem à nossa manifestação terrena e na terra continuem após a nossa desencarnação, se nos afiguram integrantes de nossa própria personalidade. A posse e utilização de tais coisas passa a ser, para cada um de nós, verdadeiro imperativo, levando-nos ao falso julgamento de que nelas reside a nossa única finalidade. Neste domínio da sensibilidade sobre o ciente reside a causa primária da desumana luta, geralmente em-

preendida, pela posse do maior número de bens terrenos e o desequilíbrio reinante na vida social.

Quando o homem cria a consciência da percipiabilidade do sensível e palpável que o cerca neste Planeta e de que a realidade se concretiza na chama eterna do seu espírito, não mais se preocupará em utilizar-se dos bens terrenos além do estritamente necessário para o cumprimento de sua etapa evolutiva, sujeita a sucessivas encarnações.

E quando aludo aos bens terrenos, porque restrinjo a presente digressão ao Planeta em que nos encontramos, não quero mencionar, apenas, os corpóreos, mas tenho em mira todos que podem servir, pelo gozo material ou prazer moral, ao indivíduo.

Embora continue vívida a memória dos grandes, por seus inesquecíveis feitos ou posse de incalculáveis riquezas terrenas, todos eles passaram, e todos quantos os imitarem passarão, deixando feitos e riquezas neste mesmo Planeta a que uns e outros pertencem.

Nem só, já bastante, porque o meigo Mestre Jesus pregou... "quão difícil é, para os que confiam nas riquezas, entrar no Reino de Deus" — mas porque a fria observação convence de que elas, sejam materiais ou morais, são contingentes e percíveis, a função social do Espiritismo consiste em conduzir-nos a uma estrutura na qual cada um mantenha a consciência de que a única realidade da vibração terrena reside na compensação por ela assegurada à nossa trajetória para a reintegração na Eternidade.

A função do Espiritismo é abater todo o senso social milenarmente reinante entre os homens, e a sua capacidade de realizá-lo está no esclarecimento de nossa mente para distinguir entre o contingente e o real, isto é, criar uma consciência de Justiça isenta dos prejuízos das concepções adstritas às limitações materiais que nos ambientam.

Enquanto as demais doutrinas se confinam na crença de que só os seus preceitos asseguram ao homem a realização de seus fins ideais, tornando-se, assim, exclusivistas, a espirita confia na interdependente compreensão de todas elas.

A sua primordial função social não é a de acirrar o sectarismo doutrinário, mas de levar a todas as doutrinas a certeza de que os preceitos vigorantes em cada uma delas respondem a particulares visualizações do problema humano.

No que, a nosso ver, a doutrina espirita mais eficiente se revela, em sua função social, é na sua total ausência de pretensão a tornar-se a crença de todos os homens. Para ela, as várias modalidades de cultura a Divindade são contingências da etapa de evolução espiritual em que se encontra cada um, merecendo, portanto, todas o mesmo respeito.

Embora aparentemente paradoxal, é na ausência de belicosidade que reside a mais poderosa arma da vitória do Espiritismo sobre o reinante desequilíbrio social.

Não trata ele de vencer as desigualdades entre os homens por intermédio de leis que impo-

nham uma utópica equanimidade na distribuição dos bens terrenos, materiais ou morais. Não acolhe, em sua função social, a pretensão de criar unanimidade de propósitos, ideais e aspirações entre os homens. Não impõe ao indivíduo que nêle creia, sob pena de morte. Não utiliza qualquer coação tendente a fazer com que os homens, pelo menos aparentemente, se mostrem cumpridores de seus preceitos. Não revida, ainda que em defesa própria, os ataques, com freqüência, a êle dirigidos.

E razão existe para que a função social do Espiritismo se desenvolva sem o emprêgo de meios comuns a outras doutrinas.

A mão de ferro ou estrutura política que intenta, ou promete, a distribuição igualitária dos bens terrenos, atesta-nos a história, sempre acaba sendo artifício de que se utilizam os seus condutores para se locupletarem à custa dos governados.

A pretensão de criar unanimidades, quando muito, alcança passividades hipócritas, prontas à rebeldia na primeira oportunidade.

A imposição dilemática do "crê ou morre", apenas consegue que alguns proclamem crer porque lhes parece mais fácil que morrer.

A coação ao cumprimento de certos preceitos instaura na sociedade o império da falsidade.

A resposta do agredido fá-lo descer no nível do agressor.

Não se confunda, entretanto, ausência de beligerância com a passividade ante as desigualdades sociais. Compreenda-se, apenas, que o Espiritismo, conhecendo a improficuidade das medidas já experimentadas para sufocá-las mediante coação, adota o programa de vencê-las pelo esclarecimento.

Quando a maioria absoluta dos indivíduos humanos atingir a consciência da transitoriedade da passagem do espírito pelos revestimentos materiais, condicionada etapa de sua trajetória para realização dos insondáveis desígnios de DEUS, a sociedade será outra, pois ninguém procurará se apossar, em bens corpóreos ou incorpóreos, de mais um ceítil do que lhe seja estritamente necessário.

A função social do Espiritismo, começada há um século e não sabemos quantos demandando no futuro, se desenvolve no esclarecimento da essencialidade humana para criar uma consciência coletiva de paz e concórdia que, durante a manifestação terrena de cada um de nós, prepare mais rápida evolução da nossa realidade espiritual para o imponderável estádio que só DEUS conhece.

Longa será, sem dúvida, a caminhada, mas a meta se alcançará, porque as distâncias só têm significação para os que ainda não podem compreender a vida além do espaço que media entre os Planetas; e estes, acreditem ou não, quantas vezes necessário se torne, aqui voltarão até que o compreenderem, para que na Terra ou em qualquer outro Planeta procedam com a certeza de que a realidade transcende a qualquer materialidade.

A função social do Espiritismo é, através de exemplificativos ensinamentos a propósito da imortalidade do homem, criar na própria terra uma vivência de concórdia, fraternização e paz, fundamentalmente necessária para sua mais rápida e suave transição entre a ilusão da matéria e a realidade do espírito.

Da sociedade em que vivemos, pela competição entre os indivíduos, a guerra entre as coletividades ou os prazeres por ela proporcionados e dores impostas, levamos, sempre, para além-túmulo prejuízos que nos obrigam a retomar períodos de aperfeiçoamento.

De uma sociedade concebida e atuante no sentido da prática dos confortáveis princípios espiritistas, mais calmamente caminharemos para realizar nossa integração no Eterno, de que somos as criaturas.

A função do Espiritismo, por convencimento isento de imposição ou violência, é levar os homens a praticar, aqui mesmo na Terra, uma vida melhor, que todos sentem mais próxima da Perfeição de DEUS.

## ENGENHEIRANDOS ESPIRITAS

Os engenheirandos espiritas da turma de 1957, diplomados pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em comemoração à sua formatura, realizaram uma solenidade no Salão de Conferência da Biblioteca Municipal de São Paulo, no dia 3 deste mês, às 20 horas.

Fêz uso da palavra o Sr. Dr. Francisco Carlos de Castro Neves, digno Secretário do Governo.

Para a solenidade foram convidados os diretores da USE, os da Federação Espirita do Estado de São Paulo e demais instituições espiritas.

I N D Ú S T R I A S S A N S ã O S. A.

ESCRITÓRIOS E FÁBRICA

RUA DAS JUNTAS PROVISÓRIAS, 1027 — TELEFONES: VENDAS 63-2367 — GERÊNCIA 63-5101 (Rêde Interna)

CAIXA POSTAL, 12.345 — END. TELEGRÁFICO "SANSÃO" — SÃO PAULO

Sua

contribuição

pró-

Unificação

EXCERTOS DE "PSYCHIC NEWS"

Tradução de BENEDITO FERNANDES VIANA

## O ESPIRITISMO NA HUNGRIA

MARIA SIABOW

Gostaria imensamente de escrever a vocês alguma coisa que lhes interessasse, mas há tão pouca coisa a dizer sobre o Espiritismo em nosso país agora. Não obstante, há um grande número de pessoas que o desejam e também um grande número que nunca foram a uma sessão ainda, mas que gostariam muito de fazê-lo.

Este é o caso não somente em Budapeste, mas igualmente em cidades menores, e mesmo em uma vilazinha onde vivi dois anos, onde fiquei conhecendo um crente convicto no Espiritismo, um Coronel reformado, agora ganhando o seu pão como vaqueiro.

Foi há cerca de um século atrás que o Dr. Grunstein, médico e judeu húngaro, fundou o primeiro círculo, líder do qual foi até a sua morte, em idade avançada.

Ele escreveu também um interessante livro sobre este assunto, sobre os médiuns do seu tempo, e editou um jornal espiritualista, o "Luz Cestual".

Muitas vezes manifestou-se em nossas sessões e até deu conselhos médicos a aqueles que precisavam deles. Mas nunca possuímos Centros ou grandes reuniões públicas, onde qualquer pessoa pode entrar, como vocês fazem aí (peço que tenham visto dos anúncios em seu jornal).

Nem temos médiuns profissionais pagos por seus serviços. Há, ou melhor, havia somente reuniões em círculos familiares, com número limitado de pessoas.

Se o médium era muito pobre, todos os participantes contribuíam com uma pequena soma que era deixada à sua disposição; mas a maioria deles não aceitava um níquel.

Temos também médiuns de todos os tipos: efeitos físicos, os que falam em transe ou fora de transe, que escrevem, que vêm, e mesmo dos que são dotados de poder curador. Este último tipo é muito raro.

Estou muito sentida pelo fato de que o meu favorito médium de transe, o melhor e mais consciencioso de todos que eu conheci, desencarnou há mais de três anos; um outro, que também era bom, está doente e não aparece. Acho que se as sessões fossem permitidas agora, haveria falta de bons médiuns.

Mas, como já disse a vocês, sessões estão estritamente proibidas, médiuns e participantes condenados, e há apenas algumas reuniões clandestinas. A maioria das pessoas têm medo da Polícia e de perderem seus empregos.

As sessões com médiuns de incorporação — deste gênero eu gostava mais — sempre começavam com uma prece, depois seguida pela preleção do Espírito-guia, e então vinham diferentes Espíritos, muitos dos quais não compreendiam o seu estado e argüiam conosco no sentido de que ainda não tinham morrido. Naturalmente eram dos tais que não tinham acreditado numa vida do Além.

Círculos que se reuniam regularmente tinham um espírito-guia permanente no pequeno círculo de que eu mais gostava, o qual se reunia de tempo em tempo. Os mestres mudavam, como podíamos observar pelo diferente estilo de sua preleção.

Preferia reuniões com poucos participantes. Quando éramos somente quatro ou cinco o Espírito-guia costumava dirigir-se a nós individualmente. Nem sempre ele se dirigia a

nós diretamente, mas cada um de nós entendia qual conselho ou admoestação era dirigido a esta ou àquela pessoa. Até a nossos pensamentos ele respondia.

Algumas vezes se comunicavam Espíritos que tinham sido pessoas bem conhecidas em vida. Uma vez, quando me achava presente, veio o Sr. Hetemje, que tinha sido subchefe de Polícia em Budapeste. Tinha adquirido consciência recentemente, ainda estava em trevas, e pensava que estava na adega. Suas primeiras palavras foram: *Oh! se pelo menos não perdêmos a guerra!* Naturalmente, depois ele ficou sabendo por nós que tínhamos perdido a guerra, anos atrás, e o Comunismo cá estava.

Convencemos a ele rezar pedindo luz. Proferiu uma bellissima prece, depois da qual se encontrou, como nos disse, numa luz brilhante. Viunos a todos, e ao nosso lado uma multidão de anjos, como se expressou. Parecia que havia muitos Espíritos elevados presentes.

Outra vez veio o Sr. Bardossy, que tinha sido nosso Primeiro-Ministro durante a segunda fase da Guerra, mas não durante o último período, pois quando os alemães ocuparam nosso país ele tinha se exonerado. Foi executado depois da Guerra, o que foi muito injusto, pois ele não poderia ter procedido de outra maneira. Ele não poderia ter-se oposto aos alemães, que eram nossos aliados, a menos que cometesse suicídio, como fez seu predecessor, o Conde Teléki.

Fiquei satisfeita por ouvir dele que não estava mais em trevas. Disse que o Senhor tinha tão cedo concedido luz, porque tinha sempre agido de acordo com sua convicção, para o bem de seu país.

Depois fez uma curta e maravilhosa preleção contra a guerra, e disse que qualquer pessoa que promove guerra por meio de palavra ou ação toma uma terrível responsabilidade sobre si mesmo.

Nos círculos maiores um membro costumava registrar a preleção e as manifestações por meio de taquigrafia, e depois eram datilografadas e distribuídas. São escritas num estilo maravilhoso, que de muito excede o meu domínio sobre o idioma. Eu não poderia falar nem escrever igual a eles nem mesmo no idioma húngaro, pois este espírito-guia foi um famoso pregador no tempo de minha mocidade.

\*\*\*

ESPIRITUALISTA HUNGARA  
ESCREVE A "PSYCHIC NEWS"

Uma Espiritualista Húngara, vivendo em Budapeste, escreveu a *Psychic News*. Duas semanas atrás nos reportamos a uma ressurgência do Espiritualismo na Capital húngara, de numerosas reuniões realizadas e o interesse mostrado por grande parte do povo nos fenômenos psíquicos.

Inclusive que as autoridades comunistas pretendiam impedir essas atividades, as quais foram descritas como "supersticiosas".

Agora nos chega esta carta escrita por uma Espiritualista que está no momento vivendo no coração da Hungria Vermelha.

E' uma leitora velha de "PSYCHIC NEWS", colocada fora de contacto com o jornal há alguns anos. POIS, TRISTE E' RELATAR, "PSYCHIC NEWS" FOI BANIDO DA HUNGRIA.

## VIDA ESPERANTISTA

**GRUPO "EEE" —** Foi fundado em 14-12-1956, em Belo Horizonte, o Grupo Espirita "Evangelho, Espiritismo e Esperanto", que divulgará a língua internacional e a doutrina espirita no mundo. Enviem sua adesão e peçam informações à C. Postal 507 — B. Horizonte, MG. Nossos parabéns aos confrades das Alterosas pela fundação da primeira entidade no gênero, nas Américas.

**PROF. F. V. LORENZ —** Desencarnou em 24 de maio último, em Pôrto Alegre, o conhecido médium e escritor Lorenz, esperantista desde 1887. Era tcheco de nascimento, tendo chegado ao Brasil em 1893. Escreveu vários livros, entre eles: "Esperanto sem mestre", e traduziu muitas poesias e obras esperantistas para o Esperanto.

**REUNIÕES —** Os congressos e reuniões esperantistas têm ocorrido regularmente em vários países. Do 14 a 21 de julho último, realizou-se o 15.º Congresso Brasileiro, chamado Congresso de jubileu de ouro, em Niterói, com variado programa de trabalho e excursões; a próxima reunião deverá ser em Salvador, daqui a 2 ou 3 anos. De 3 a 10 de agosto, teve lugar o 42.º Congresso Mundial, em Marselha, com grande programa artístico, mesas-redondas, palestras, etc., tudo em Esperanto.

**RÁDIO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO —** Tal estação transmite todos os sábados, das 15,30 às 16,00 horas, em 800 kc ou 25,10 m (o. curtas) um seleto programa, com curso elementar, noticiário e números de música, patrocinado pela Liga Brasileira de Esperanto, com sede no Rio.

**SÊLO COMEMORATIVO —** Foi lançado, na capital, por motivo do 1.º Centenário da Codificação Espirita, um selo bicolor, com os dizeres: 1.º Centenário de la spiritisma enkodigo — Parizo 1857-1957; Allan Kardec — la enkodiginto", talvez o primeiro selo no gênero a aparecer no mundo. Pedido de 10 exemplares gratuitos para C. Pimentel — Rua Rio Grande do Norte, 156, c/1 — S. André, SP, com selo para resposta.

C.P.

Nossa correspondente (não podemos publicar o nome) relata uma história grafada das adversidades sofridas. Isto é um extrato da carta:

"Há alguns anos passados tenho passado por muitos sofrimentos, e durante a revolução tive muitas vezes, para fazer compras, de ganhar caminho através de tanques e canhões.

"Baldas passaram sobre minha cabeça, mas nunca me atingiram".

"Sou professora qualificada, e ganhava a vida dando aulas particulares. Mas quase não tenho alunos agora, e alguns dos meus poucos alunos deixaram o país durante os últimos seis meses.

"Posso com muita dificuldade ganhar o suficiente para prover à minha alimentação diária e fiquei impedida, por falta de meios, de comprar roupas há anos. tenho recebido alguma ajuda da Cruz Vermelha, mas isto não é o suficiente.

"Imaginei que algum bom irmão Espiritualista poderia ceder-me alguma roupa usada. Não faria diferença que as roupas fôssem de homem, mulher ou criança ou mesmo roupa de cama. Lençóis seriam muito bem recebidos, pois os meus acham-se em estado deplorável."

**PSYCHIC NEWS ESTÁ ANSIOSO, E SABE QUE SEUS LEITORES TAMBEM O ESTÃO, POR AJUDAR ESSA CORRESPONDENTE, E, SE POSSÍVEL, OUTROS ESPIRITUALISTAS HUNGAROS.**

**ESTAMOS ESPERANCOSOS DE ENCONTRAR UM MEIO DE FAZER ISTO, DE MANEIRA QUE NÃO OS COLOQUEMOS EM PERIGO NEM TAMBEM LHES PREJUIQUEMOS AS SUAS CRENÇAS.**

## A HUNGRIA SE VOLTA PARA O ESPIRITUALISMO?

Jornal comunista urge supressão. Comunistas húngaros estão demonstrando grande alarme pelo interesse crescente evidenciado por grande parte da população nos fenômenos psíquicos.

Notícias fidedignas procedentes da Budapeste avassalada por motins, dizem de numerosas reuniões de esperantistas realizadas naquela cidade de um milhão de habitantes.

*Psychic News* tomou conhecimento de que as autoridades comunistas foram incumbidas da supressão dessas atividades — que penetram de forma tão cortante nas idéias materialistas.

As atividades dos novos esperantistas húngaros foram descritas como "supersticiosas".

Um artigo dessas atividades apareceu no "Szabad Nep", que é o órgão oficial do Partido Comunista Húngaro. A substância desse artigo é descrita como sendo "típica da distância a que pode atingir a ignorância do nosso movimento", por Louis Fourcade, escrevendo em "La Revue Spirite".

Fourcade traz também para campo aberto uma vez mais um ponto realçado por *Psychic News* há um ano atrás — que na U.R.S.S. mesmo há um grande interesse pelas pesquisas psíquicas, e, presumivelmente, pelo Espiritualismo.

Em Moscou, declara ele, há efetivamente um Instituto de Metapsíquica.

*Psychic News* rende tributo à coragem dos homens e mulheres da Hungria, que talvez neste momento estejam enfrentando a opressão comunista contra as suas crenças."

Sua contribuição	<b>A F E I R A D A S N A Ç Õ E S S A</b> COMERCIAL E IMPORTADORA	pró- Unificação
OFERECE, PARA AS FESTAS DE FIM DE ANO, SUGESTIVAS CESTAS DE NATAL, AO ALCANCE DE TÓDAS AS BOLSAS		
<b>RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 14 — LARGO DO OUVIDOR, 7</b>		

## BRASIL

São Paulo

## Espiritismo: pau para tóbia obra

É mania muito velha já o uso do nome do Espiritismo para a explicação de coisas, pessoas ou fatos que, na realidade, nada têm que ver com a Doutrina. Para os menos prevenidos ou para os menos honestos ou para os nossos contumazes opositores — há Espiritismo num fato de loucura, num abrir e fechar de janelas a horas mortas ou nas incompreensões e desavenças de uma família cujos membros aliás podem pensar em tudo — menos em Espiritismo...

Os jornais constantemente estão a relatar acidentes, crimes, bebedeiras, incidentes e distúrbios vários — os quais na totalidade das vezes são, com manifesto intuito, por arraigado

vêzo, atribuídos ao Espiritismo. A nossa Doutrina, que é uma bênção dos Céus, é portanto pau para toda obra — é o bode expiatório da ignorância de uns, da má vontade de outros, do comodismo de muitos e da oposição sistemática de outros mais.

Um exemplo entre os diários; no Teatro Santana, desta Capital, levou-se à cena, apresentada pela *Compagnia Italiana di Prosa*, a peça de Ugo Betti: *Spiritismo nell'antica casa*.

O motivo por que o nome do Espiritismo está na peça — não o conseguimos até hoje saber. O Espiritismo é uma Doutrina de postulados assentados e determinados, e, pela simples razão de haver aqui ou ali uma referência qualquer a fato ou a princípios doutrinários, não quer isso dizer que, na verdadeira acepção do termo, haja Espiritismo. A Doutrina é o conjunto da "teoria, dos fatos e das

conseqüências e não somente a questão de relações entre os vivos e os mortos", como muito bem o disse o Dr. E. Gyel numa obrinha interessante. Já o nosso apreciado Procopio Ferreira fez graçolas com o nome do Espiritismo, o que nos obrigou a dar-lhe umas explicaçõeszinha mais enérgicas acêrca do assunto. Confundem sempre (Deus nosso!) Doutrina com fantasmagorias...

Muito perde a Codificação, aos olhos do público leigo, o qual se não tem em má conta, não a tem em boa também, com representações artísticas que se não coadunam perfeitamente com os postulados doutrinários. Poder-se-á alegar que, com a enunciação, embora de modo indevido, do nome do Espiritismo, se está fazendo propaganda dele, tornando-se ele mais do domínio público. Mas a propaganda do Espiritismo, dessa ma-

## PELO

neira, não nos interessa nenhumamente, porque a difusão errada ou mal exposta dos nossos princípios nos pode ser mais contraproducente do que producente.

## O Santo da Astronáutica

O lançamento dos satélites artificiais russos causou admiração nos meios diplomáticos, políticos e religiosos do mundo inteiro.

A Igreja de Roma, que, desde a sua constituição, por razões sobejamente sabidas e ressabidas, é contrária à Ciência (é histórico o fato de um dos seus arautos ter chegado a declarar, num relatório às autoridades ecle-

## O ESPIRITISMO COMO "CONSOLADOR" ANUNCIADO POR JESUS

(Do tomário das comemorações do 1. Centenário do Espiritismo)

EMÍLIO MANSO VIEIRA

"Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre. O Espírito de Verdade que o mundo não pode receber porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós.

Todavia digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas se eu for, enviá-lo-ei. E quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo. Do pecado porque não creem em mim; da justiça porque vou para meu Pai e não me vereis mais; e do juízo porque já o príncipe deste mundo está julgado. Ainda tenho muita coisa a vos dizer, mas vós não podéis suportar agora. Mas quando vier aquele Espírito de Verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir". (João 14 e 16).

Já às vésperas da partida do Mestre, antevendo Ele as preocupações que dominavam os apóstolos e a mágoa que enchia seus corações, procurou confortá-los anunciando o Consolador. Pelo que se desprende de suas palavras, o Consolador ou Paráclito, não gira em torno de uma pessoa ou apenas de uma religião. Se assim fosse Ele o teria anunciado de outra forma, dizendo: — Eu vos enviarei um profeta ou uma religião. Porém a sua palavra foi incisiva anunciando o envio do Espírito de Verdade. Isso caracteriza a universalidade do Paráclito pairando sobre todas as criaturas e ultrapassando as ciências e filosofias da época. Depois da partida do Mestre, muitas religiões surgiram no mundo, mas nenhuma delas, entretanto, reuniu as condições adequadas para ser o Paráclito, condições estas que podem ser resumidas no seguinte:

- 1) Uma doutrina que possa apresentar a Justiça de Deus de maneira compatível com o seu Amor;
- 2) Que apresente características de Consolador, no sentido eterno da vida, abrangendo indistintamente a criação universal;
- 3) Uma doutrina que, em todos os tempos, possa guiar a evolução espiritual sem nunca permanecer estacionária e nem presa a dogmas;
- 4) Que possa julgar a cada um segundo suas obras em face do pecado, da justiça e do juízo;
- 5) Enfim, que possa reunir as características do ensino e exemplificações de Jesus.

## JUSTIÇA E AMOR

Partindo do princípio de que Deus é amor, não podemos entendê-lo, dessa forma criando uns seres para a glória e outros para o infortúnio. Segundo preceitavam o Catolicismo e o Protestantismo, as almas são criadas especialmente para animarem determinados corpos, nascendo com eles. Dizem essas religiões que o Amor de Deus não o exime da aplicação da Sua Justiça. Como poderia Ele, sendo Amor, na qualidade de Criador, mutilar sua própria criatura?

Se a alma foi criada no instante do nascimento do corpo, novinha portanto, não poderia trazer os pecados que a condenassem ao sofrimento eterno. Se Deus a criou cheia de pecados umas, e livres outras, não agiu com justiça e nem imparcialidade. Admitir que as criaturas pagam pelos pecados dos supostos primitivos pais (Adão e Eva) é cair no absurdo de acreditar que somos filhos do casal mencionado, portanto não somos filhos de Deus. Se Deus nos impõe certos castigos por pecados que não cometemos, Ele se revela profundamente mau, injusto e vingativo. Neste particular vemos a tre-

menda incoerência das religiões que não admitem a reencarnação. Suponhamos no absurdo de pagarmos pelos pecados dos nossos pais primitivos; nesse caso, a herança do desrespeito a Deus, deveria ter sido repartida igualmente a todos os seres descendentes do primeiro homem pecador e não da maneira parcial como se verifica na sociedade. Estas teorias negam a justiça e o Amor de Deus.

Segundo o Espiritismo o nosso Criador estabelece a sua Justiça através do seu Amor. As religiões que entendem a justiça apenas através do sofrimento interminável ou o Amor tão-somente aqueles que são os eleitos de Deus, não possuem condições de Paráclito, Espírito de Verdade ou Consolador.

Das doutrinas cristãs, apenas o Espiritismo encara de outra forma este problema da justiça Divina, conduzindo-o a toda Verdade, com a devida lógica e a precisa análise de todos os fatos.

## O CONSOLADOR DIVINO

O Consolador, nos termos anunciados por Jesus, somente poderia ser uma doutrina que realmente pudesse consolar as almas edificando-as para a vida eterna. O Espiritismo é a única doutrina que possui a virtude de conciliar, logicamente a Justiça e o Amor.

Ao contrário do criacionismo no momento dos corpos nascerem, a doutrina Espírita mostra que para cada corpo nascituro há um espírito que o animará, o qual já vem percorrendo a longa estrada evolutiva desde eras remotas. Que este espírito traz, para cada nova existência, o produto de suas experiências passadas. Os seus erros, vícios, conhecimentos ou virtudes, o acompanham através do tempo e do espaço. Aquêles que se apresentam ao mundo, trazendo os estigmas do sofrimento, não os adquiriram em conseqüência do castigo de Deus. Foram eles mesmos os construtores da sua situação, boa ou má, de acôrdo com o pretérito vivido. Deus não interfere particular ou pessoalmente na vida das criaturas, mas estabelece sua justiça através de leis sábias e imutáveis que giram em torno do seu Amor. O amor de Deus, segundo os postulados do Espiritismo, não é o de criar almas eleitas para o gozo eterno ao lado de outras condenadas ao suplício sem-fim. O seu Amor consiste em facultar às criaturas tantas oportunidades quantas forem precisas até que alcance a plena felicidade. Isto jamais será possível no seio de uma religião que admite um criador inconseqüente e incoerente, contraditório e vingativo. Somente a lógica da reencarnação poderá mostrar a sublimidade do Amor de Deus e o consólio incomparável que traz às suas criaturas na aplicação da sua justiça que conduz à evolução. O Paráclito sem reencarnação seria um palavreado sem nexos. Para as doutrinas do castigo eterno e do pecado original, Deus se apresenta de maneira perversa. Suponhamos que uma alma criada com destino ao erro e aos vícios seja levada ao inferno, mas que durante sua vida terrena alguém tivesse se dedicado a ela com profundo amor. Que uma mãe tenha vivido a sua existência de sacrifício pelo amor ao filho que, pelo simples fato de não ter sido criado católico, tenha sido levado ao suplício das penas eternas. Qual o desespero dessa mãe, mesmo vendo no céu, contemplando no suplício uma alma pela qual vivera uma existência desdobrando-se em amor e carinhos?

Este céu se tornaria um vale de lamentações e, muitas almas generosas o abandonariam para viver

ao lado dos entes amados nas torturas do inferno. Se Deus, para manter a sua autoridade, obrigasse as almas das mães a viverem no éden separadas dos seus filhos atormentados no fogo do inferno, Ele transformaria o céu em simples penitenciária de almas, amarguradas pelo tratamento desigual.

Que consolo poderia oferecer uma doutrina nestas condições?

As religiões que ensinam estas barbaridades não podem nunca, nem de leve supor que a elas foi confiada a missão do Paráclito. Neste particular o Espiritismo é a mais confortadora das doutrinas. Mostra que o inferno e o céu nada mais são do que estados de alma e nunca um local determinado, de sofrimento sem-fim. Esclarece que os nossos entes queridos não se apartam de nós de maneira absoluta e definitiva. Ensina-nos que os entes mais caros ao deixarem o nosso convívio pela morte, podem nos visitar trazendo-nos o incentivo da sua palavra e o carinho da sua dedicação. Recebemos notícias deles, pelas quais ficamos sabendo que não estão condenados a um suplício interminável. Temos certeza de que o nosso reencontro se dará um dia e, por isso, a nossa conformação é grande; o que faz aumentar o nosso amor para com Deus.

(Continua)

## Campanha do Livro Espírita

A União da Mocidade Espírita de São Paulo pede-nos a publicação da seguinte circular:

Prezado Confrade:

A União da Mocidade Espírita de São Paulo fundou, há alguns meses, a BIBLIOTECA PÚBLICA DO LIVRO ESPÍRITA, que atualmente funciona em sua sede própria, à Rua dos Carmelitas, 86. A nossa sede foi escolhida como local, devido ser necessário haver um ponto de partida para iniciarmos o trabalho. Todavia, uma biblioteca pública do Livro Espírita deverá, com o correr do tempo, ser instalada em lugar central, com amplas dependências e não ter o caráter de propriedade de nenhuma entidade.

## SERÁ DOS ESPÍRITAS E DA COLETIVIDADE QUE A DESEJAR UTILIZAR

É nosso ideal e deve ser o ideal de todos os espíritas que a nossa Doutrina tenha uma biblioteca pública, reunindo todos os livros que lhe dizem respeito e os colocando ao alcance de todos, à semelhança do que fazem as bibliotecas públicas modernas. Um trabalho desta natureza servirá de meio à boa propagação dos postulados espíritas, bem como demonstrará uma força de organização e empreendimento em favor do esclarecimento alheio, através de leituras edificantes.

Com este alto objetivo, estamos apresentando ao confrade esta circular, solicitando que dê a sua cooperação a este grandioso trabalho, doando à BIBLIOTECA PÚBLICA DO LIVRO ESPÍRITA um exemplar de sua predileção.

Se cada um de nós sentir que este é um trabalho que deve ser feito pelos espíritas e não deixar de doar o livro que nos cabe, a biblioteca, que já conta com quase 800 volumes, ficará enriquecida e em melhores condições de ser utilizada.

Dê-nos a sua valiosa cooperação e peça ao seu amigo que dê, também, a sua contribuição.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO LIVRO ESPÍRITA  
Rua dos Carmelitas, 86

Todas as noites, das 20 às 22 horas  
ou

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE S. PAULO  
Rua Maria Paula, 158

Todos os sábados, das 20,30 às 22 horas.  
Sirva-se de nossa biblioteca e recomende-a aos seus amigos".



# PROBLEMAS DE SOCIOLOGIA NO "LIVRO DOS ESPÍRITOS"

(Do temário das comemorações do I Centenário do Espiritismo)

DEOLINDO AMORIM

Se é certo que o **Espiritismo** toca na maioria das ciências, como disse Allan Kardec, e com inteiro cabimento, é natural que **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, em determinados pontos, levante umas tantas questões atinentes à **Sociologia**, do mesmo modo que sugere reflexões sobre problemas peculiares a outros ramos da cultura científica. Não é, aliás, a primeira vez que nos ocorre tratar deste assunto, já em artigos de jornais, já em exposições didáticas. Sendo o **LIVRO DOS ESPÍRITOS** a obra central da doutrina espírita, porque é nele, como se sabe, que se firmam as bases filosóficas do Espiritismo, seu desdobramento doutrinário, forçosamente, teria de abranger, como abrange, uma série de proposições nas quais se verifica a incidência inevitável da doutrina espírita em diversos campos do conhecimento humano. Em relação à **Sociologia**, por exemplo, os pontos de contacto são muito frísantes, ainda que nem todos se hajam interessado, até agora, pelos problemas de ordem sociológica à luz da filosofia espírita. Podemos definir, a este respeito, duas posições extremadas:

de um lado, opinam aqueles que, entendendo o Espiritismo exclusivamente como doutrina preocupada com a vida extraterrena, consideram inócua ou bizantina qualquer tentativa para estabelecer conexão com as chamadas "ciências da terra";

do outro lado, aferrados ao academicismo exagerado, estão aqueles que, não conhecendo a doutrina espírita e não podendo, portanto, calcular a extensão de suas consequências na ordem humana e na ordem espiritual, acham impossível senão absurdo falar em termos de ciências sociais à luz do Espiritismo.

Estamos, como se vê, diante de dois tipos de radicalismo. Necessário se torna, pois, que fixemos uma premissa básica para que possamos desenvolver o tema: o Espiritismo penetra em diversas searas da cultura humana sem se deixar absorver, sem perder a sua feição própria. Vamos partir desta premissa.

Quando, ainda há pouco tempo, a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos (Instituição espírita, em cujo currículo trienal o Espiritismo sempre constituiu cadeia básica) incluiu a **Sociologia** no programa do 1.º ano, como disciplina auxiliar, ficamos com a que ouvir de algumas pessoas esta objeção, já esperada: **para que Sociologia? que tem isto com Espiritismo?**... Tais perguntas, formuladas com a intenção de exprimir desaprovação sistemática, tanto se equivalem na simplicidade quanto no sentido apriorístico. Podemos dizer, no entanto, e sem exagero, que as consequências do Espiritismo envolvem não apenas problemas de **Sociologia**, mas também de **Psicologia Social**, de **Antropologia**, e assim por diante. É o que nos prova o conteúdo geral do **LIVRO DOS ESPÍRITOS**, principalmente na 3.ª parte, quando se nos depara a exposição das "Leis Morais", interpretadas à luz do Espiritismo.

Não seria possível ministrar, por exemplo, um curso de Espiritismo, mas um curso regular de três anos, sem pelo menos as noções gerais de algumas ciências, cujo conhecimento facilita a compreensão de muitos problemas discutidos no corpo da doutrina espírita, ora em linhas gerais, ora em profundidade. A **Sociologia** é uma delas, porque é uma ciência que está em todas as manifestações da vida social, e a doutrina espírita também se preocupa intensamente com os fenômenos sociais. O homem é, ao mesmo tempo, objeto de estudos de ciências muito diferentes entre si: cada uma delas vê o homem por um prisma, dentro de um centro de interesses específicos. Isto importa em reconhecer que, não podendo uma única ciência, sem o auxílio das outras, dizer tudo quanto se deve saber sobre o homem, em seu sentido global, é necessário que diversas ciências, simultaneamente, estudem o homem através de ângulos próprios, com as limitações impostas pelas fronteiras em que confinam as possibilidades do conhecimento especializado.

Se a **Biologia**, por exemplo, vê o homem através dos fenômenos comuns às formas de vida, adstritos aos ciclos da evolução física ou natural, já a **Psicologia** encara o homem por outro aspecto, porque se interessa mais pela vida psíquica, que é a sua seara. Enquanto a **Biologia** perquire no campo da vida embrionária ou nas fases de crescimento e decadência do ser vivo, a **Psicologia** estuda reações e comportamentos em função da atividade psíquica. Do mesmo modo, se a **Antropologia** estuda o homem sob o ponto de vista étnico, seus traços característicos, sua constituição glandular, sua expressão como representante de um tipo de cultura, já a **Sociologia** considera o homem em face das interações ou relações com os seus semelhantes, dentro do grupo social. Conseqüentemente, o ponto de vista do psicólogo não é o mesmo ponto de vista do antropólogo, assim como as preocupações do sociólogo em relação ao homem não podem coincidir com as preocupações do fisiologista, desde que cada qual se atenha ao campo exclusivo de sua especialidade científica.

Nenhuma ciência, isoladamente, poderia dar uma resposta completa sobre o homem, em todos os seus aspectos: biológico, psicológico, social, espiritual. Cada qual dispõe de instrumentos e métodos que lhe permitem apenas chegar a determinados planos de investigação e dedução. O Espiritismo é um corpo de doutrina que estuda o **HOMEM** integral e não o homem como objeto

desta ou daquela ciência. Veja-se bem a definição de Allan Kardec:

**O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.** (Fonte: "O QUE É O ESPIRITISMO").

Sobre esta base, construiu-se todo um corpo de doutrina, cujas consequências se fazem sentir também na vida social. O Espiritismo ultrapassa o âmbito das ciências, no sentido estrito, porque, estudando o homem dentro da concepção tríplice de **corpo, perispírito e espírito**, leva as suas pesquisas e conclusões ao domínio da Ciência, da Filosofia e da Religião, no sentido mais lato possível. Sua contutura doutrinária se torna cada vez mais ampla, à medida que, segundo a definição de Allan Kardec, o Espiritismo discute a **origem, a natureza e o destino** do espírito. Ora, tais problemas, cuja transcendência está bem patente, não poderiam ser compreendidos sem se levar em conta o elemento imediato: o **homem**. Justamente por isso mesmo é que os postulados gerais do Espiritismo têm repercussões em diversas ciências humanas.

Se, portanto, apesar de sua amplitude filosófica, a doutrina espírita se preocupa com o **homem**, objetivamente, e com os problemas que lhe são inerentes, na terra, é evidente que não pode deixar de entrar em relações com as ciências que também se interessam pelo homem, dentro de seus esquemas restritivos.

No grupo destas ciências, figura a **Sociologia**, indispensavelmente. Podemos acrescentar que a doutrina espírita ainda vai mais longe, porque pode elucidar, pela reencarnação, muitos problemas concernentes à **Sociologia** e à **Psicologia**, notadamente nos desajustamentos sociais, nem sempre explicáveis pelas causas econômicas. Voltemo-nos, então, para o **LIVRO DOS ESPÍRITOS**. Em que passagens, finalmente, pode o **Livro dos Espíritos** apresentar conteúdo sociológico? Em cinco partes das "Leis Morais", principalmente, **O Livro dos Espíritos** faz incursões na seara sociológica. Observem-se os problemas postos em foco nas seguintes leis: **Trabalho, Sociedade, Progresso, Igualdade, Liberdade**. Convém notar, antes de mais nada, que a doutrina espírita não entra, nem poderia entrar propriamente na metodologia ou nas doutrinas sociológicas, mas as suas interpretações de certos fenômenos sociais é que vão incidir na **Sociologia**, como também na **Economia**, por mais estranho que pareça.

Abra-se o **LIVRO DOS ESPÍRITOS**, leiam-se os conceitos contidos na questão 657, a respeito da vida contemplativa. Que diz a doutrina sobre a atitude daqueles que fogem do mundo e se entregam à contemplação? Simplesmente isto, em resumo: **Deus quer que pensemos nele, mas não apenas nele, uma vez que ao homem assinou DEVERES NA TERRA. Aquê que se consome na meditação e na contemplação nada realiza de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida é toda pessoal e inútil para a humanidade.** Vê-se, já neste ponto, que o **LIVRO DOS ESPÍRITOS** preconiza um princípio básico da **Sociologia**: a necessidade da vida social. Não podendo o homem ser absolutamente auto-suficiente, necessita de contactos e permutas com os seus semelhantes. Suas aptidões, sejam quais forem, artísticas, científicas, mediocres ou extraordinárias, exigem as provocações do ambiente. De que serviria, por exemplo, um indivíduo com uma capacidade discursiva das mais fecundas, se não tivesse com quem conversar ou discutir?... Um gênio enclausurado, sem relações com o mundo exterior, seria uma existência improfícua, porque jamais poderia fazer de sua experiência espiritual um instrumento de ação em benefício da humanidade. Sem os estímulos do ambiente, ninguém pode desenvolver aptidões nem exercitar a paciência, a resignação, a tolerância e outras virtudes indispensáveis ao progresso do espírito.

Fora da sociedade, vivendo no retiro, desde que ninguém o incomode, um indivíduo pode ser um santo; mas o mesmo indivíduo, no seio da sociedade, confundindo-se com os bons e os maus, com os honestos e os velhacos, com os ignorantes e os sábios, pode ser um monstro tanto quanto pode ser um tipo desajustado, assim que a sua vontade ou as suas inclinações sejam contrariadas pelas conveniências do grupo. A vida social, para o espírito encarnado, é um campo de adestramento indispensável. Daí o acerto com que a doutrina espírita faz sentir que não há mérito em fugir do mundo para evitar contactos com as misérias humanas: o mérito está na luta, no esforço que se emprega, a cada instante, para enfrentar o mundo, com as suas grandezas e suas baixezas. Sem a experiência, vivida no mundo, o espírito não pode realizar o processo de depuração a que está sujeito. A vida social é um meio, e meio absolutamente necessário ao progresso do espírito. Veja-se até onde vai o pensamento da doutrina espírita, quando diz que nenhum homem possui faculdades completas, por força da desigualdade de aptidões, e por isso mesmo é que, **necessitando-se uns dos outros, são feitos para a vida em sociedade e não isolados.**

Observe-se, agora, a concordância desta questão com as questões 766 a 769. A pergunta 766 está formulada em termos simples: **A vida social está na natureza?** A resposta, por sua vez, veio de forma sintética, mas bem explícita: **Certamente. Deus fez o homem para viver em sociedade; não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida do relação.** Através da mesma linha de pensamento,

## UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção:  
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:

Abraão Sarraf  
João Teixeira de Paula  
José Hercúlio Pires  
Luiz Monteiro de Barros

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946  
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual no País ..... Cr\$ 40,00  
Assinatura anual no Exterior ... Cr\$ 50,00  
Número avulso na Capital ..... Cr\$ 8,00  
Número avulso no Interior ..... Cr\$ 4,00

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Uae e entidades adexas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espessos, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Impresso na **LINOGRÁFICA EDITORA**  
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

e como corolário das conclusões suscitadas pela pergunta 789, Allan Kardec faz uma série de considerações, ainda no **Livro dos Espíritos**, pelas quais se percebe muito bem que o objetivo do Codificador, neste passo, é ressaltar o sentido da vida social no progresso da humanidade. Diz ele, no início de seus comentários pessoais:

**A humanidade progride através dos indivíduos, que pouco a pouco tornam-se melhores e se instruem. Então, quando estes predominam numericamente, tomam a dianteira e arrastam os demais. De tempos em tempos surgem entre eles homens de gênio, que dão um impulso, depois homens de autoridade, instrumentos de Deus, que em poucos anos a fazem avançar séculos.**

Sem a noção de vida social, não se pode compreender a reencarnação de certos espíritos, já experimentados, com a missão de auxiliar o progresso de alguns grupos ou povos, na Ciência, na Política ou nas Artes. Implícitamente, embora não use a terminologia usual dos sociólogos, a verdade é que a doutrina espírita prevê o fenômeno da **interação**, que é fundamental na Sociologia. Sem interação não há vida social, e as possibilidades do homem, quando separado do grupo, ficam muito reduzidas. Há, portanto, um pensamento sociológico no **LIVRO DOS ESPÍRITOS**, ainda que não esteja expresso na linguagem técnica, mesmo porque o Codificador do Espiritismo não veio à terra com a missão de escrever tratados de **Sociologia**, nem de qualquer outra ciência correlata. Seja como for, **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** discute e esclarece problemas que interessam ao sociólogo, tais como as desigualdades humanas e suas causas, a influência da educação no equilíbrio sócio-econômico, o emprego da riqueza, etc., etc. Até mesmo o problema da propriedade individual, tão discutido nos dias que correm, não ficou sem resposta no **LIVRO DOS ESPÍRITOS**, e é oportuno recordar que a doutrina espírita não condena a propriedade, como não condena a riqueza. Até nisto se vê o bom senso de suas afirmações: entre combater o abuso de uma coisa e combater a propriedade da coisa em si, a distância é muito grande. As perguntas 880 a 885 são, todas elas, concernentes ao direito de propriedade. Diz a doutrina, categoricamente, na questão 884: **Só é legítima a propriedade que foi adquirida sem prejuízo para outros.** O respeito à propriedade é um problema de Direito e de Ética.

Não se pense, porém, que a doutrina espírita com o legitimar a propriedade, seja radicalmente individualista. Tanto não é individualista, que prescreve o amparo aos velhos e aos fracos. Fã-lo sem ambigüidades: **O forte deve trabalhar para o fraco. Em falta da família, a sociedade deve ampará-lo. É a lei da caridade.** (Questão 685). Acontece, no entanto, que a doutrina espírita é substancialmente infensa a qualquer forma de extremismo. Se, por exemplo, ao pé da questão 685, vemos Allan Kardec dizer que é preciso que aquele que tira a subsistência de seu trabalho encontre em que ocupar-se, etc., etc., dando a entender que não basta aconselhar o homem a trabalhar, mas é indispensável que se lhe proporcionem os meios de viver com dignidade, logo adiante, na mesma ordem de idéias, é ainda Allan Kardec, com sua larga compreensão dos problemas sociais, quem adverte: **a desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem compreendida poderá corrigir. Eis o ponto de partida, o real elemento de bem-estar, a garantia da segurança coletiva.** Sem deixar de reconhecer as imposições de ordem biológica, social e espiritual, a doutrina espírita, apesar disto, não cai no fatalismo. Como denominador comum dos interesses individuais e coletivos, coloca a **EDUCAÇÃO**, o que quer dizer, sem qualquer dúvida, que a solução espírita não pende para nenhuma direção unilateral.

(Continua)